



Os tortuosos caminhos para a corrupção

Os "caminhos da corrupção", como define o secretário Milton Menezes, são muitos e de difícil percepção: "Estamos fechando o cerco sobre cada um destes pontos críticos. Gradativamente o consumo está voltando a ser real, devido ao controle que estamos realizando e, ao alarde que foi feito sobre o problemalizado e com credibilidade perante a comunidade".

A primeira fresta para os corruptos está na compra de material e medicamentos por parte da Fundação Hospitalar. Quem coordena este trabalho é a Comissão Permanente de Licitação e o Departamento de Recursos Materiais da FHDF. Hoje, garante o secretário, não há mais o risco de ocorrer fraude ali. "Todos são de minha confiança". Mas poderia haver um direcionamento para compra de certo produto, beneficiando determinada empresa, em troca de uma comissão para os diretores da comissão e da comissão.

O ex-secretário de Saúde, Valterino Ribeiro, foi afastado do cargo

após uma denúncia do ex-ministro da Saúde, Borges da Silveira, de que ele e seu irmão, Ronei Edmar Ribeiro (presidente da Central de Medicamentos — Ceme), teriam recebido suborno para beneficiar laboratórios paulistas na compra de produtos pela Ceme. O caso está sendo apurado pela Polícia Federal e exemplifica como ocorre este primeiro passo no "caminho da corrupção".

A segunda possibilidade de desvio ocorre na entrega do material. Só pode haver checagem no momento da entrega, para avaliar se o que foi recebido é exatamente igual ao que está previsto na nota fiscal. Um exemplo: a FHDF compra 100 caixas de esparadrapo, paga, mas na Farmácia Central só entregam 95 caixas. Depois de alguns dias, não há como saber se a entrega foi correta.

Há alguns meses, três funcionários da Farmácia Central, entre eles o diretor da divisão de material, foram demitidos por motivo

semelhante. A FHDF comprou material cirúrgico da firma Brasilia Anestesia, pagou, mas não recebeu. A ausência do produto só foi percebida mais tarde. Mas como não havia sido distribuído qualquer material cirúrgico e não havia nas prateleiras da Farmácia Central, descobriu-se o golpe.

O terceiro passo no "caminho da corrupção" ocorre no momento da distribuição da Farmácia Central e do Almoxarifado Central para as Farmácias e Almoxarifados Regionais. Recentemente no HRAN verificou-se que 3900 seringas tinham saído da Farmácia Central, mas apenas 2900 entraram no hospital. Constatou-se a defasagem. Mais tarde descobriu-se que ocorreu um erro humano na anotação. Mas a possibilidade existe e sempre existiu.

Das Farmácias e Almoxarifados Regionais é feita a distribuição para todas as unidades do hospital e para os centros de saúde. Como o grosso de atendimento se concen-

tra nos hospitais, o material quase que não chega aos centros de saúde, pelo menos com a possibilidade de desvio. Sem um controle rigoroso, não há como saber para onde foi determinado material.

E nesta fase, acredita a secretaria, que se dá a maioria dos desvios. Desaparecem caixas e caixas de medicamentos, instrumental cirúrgico, aparelhagem médica, lençóis, algodão, gaze, seringa, estetoscópios, absorventes íntimos, lentes de aparelhos, pinças, esparadrupo e, em evidência recentemente, as seringas.

Tudo o que se furtá, já dizia a ciência, volta para o consumo. Nada se perde, tudo se transforma milagrosamente em remédios comercializados em farmácias e em aparelhos utilizados em clínicas particulares. É o dinheiro do contribuinte, destinado ao serviço de saúde pública, revertendo-se em lucro para os beneficiados com os furtos.